

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões

Lilian de Souza  
Fernanda Tonelli  
(Organizadoras)

 **Atena**  
Editora  
Ano 2022

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões

Lilian de Souza  
Fernanda Tonelli  
(Organizadoras)

Atena  
Editora  
Ano 2022

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



# Linguística, letras e artes: ressonâncias e repercussões

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadoras:** Lilian de Souza  
Fernanda Tonelli

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes: ressonâncias e repercussões / Organizadoras Lilian de Souza, Fernanda Tonelli. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0257-2

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.572221705>

1. Linguística. 2. Letras. 3. Arte. I. Souza, Lilian de (Organizadora). II. Tonelli, Fernanda (Organizadora). III. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

A obra está organizada em dezoito capítulos que ressoam e repercutem nas áreas de Linguística, Letras e Artes. Traz discussões atuais em diversas temáticas, como o papel da mulher, do negro e do indígena e cultura. Tais abordagens foram tratadas com maestria pelos respectivos autores, que relacionaram as questões educacionais, sociais e individuais dos sujeitos sob o viés da própria linguagem artística.

Outras temáticas abordadas nesta obra nos convidam a refletir sobre situações da atualidade, como a pandemia e a invisibilidade do ser e os depoimentos de educadores acerca do fazer docente em tempos de pandemia sob o viés da análise de discurso. Ainda sobre o processo educacional, discute-se sobre neurociência cognitiva e comportamental e suas influências na educação, destacando os prováveis transtornos de aprendizagem.

Como manifestação artística, a literatura também se faz presente neste livro, percorrendo distintas realidades escritas por autoras e autores pertencentes a diversos períodos. Temos a contemporânea Adriana Vieira Lomar, a ancestralidade e resistência nas obras de Euclides Neto, os diálogos entre Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade, a linguagem estilística de Eva Furnari, entre as leituras e leitores de Machado de Assis e um estudo de caso entre Perón e Wilde. São produções que auxiliam o leitor a explorar os aspectos estilísticos da linguagem poética, das produções narrativas, bem como da dramaturgia.







Por fim, agradecemos à Atena Editora, por propor a publicação desta obra e às autoras e autores que contribuíram aqui com seus trabalhos. Este livro é um convite às/aos estudantes, docentes, artistas, poetas, musicistas e demais representantes da sociedade civil que se interessam em ressoar e repercutir esses diálogos plurais.

Boa leitura!

Lilian de Souza  
Fernanda Tonelli



## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A POESIA ÁRABE FEMININA NO PERÍODO DA JAHILIYA: TRADUÇÃO COMENTADA DE VERSOS DE AL-KHANSA E AL- KHIRNIQ	
Isabela Alves Pereira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217051">https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217051</a>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>9</b>
O CHORO EM SÃO LUÍS: RETRATOS DO CHORO NA CAPITAL MARANHENSE DO FINAL DO SÉC. XIX	
Raimundo João Matos Costa Neto	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217052">https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217052</a>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>16</b>
A ADAPTAÇÃO DRAMATÚRGICA COMO JOGO: UM ESTUDO DE CASO ATRAVÉS DA RECRIAÇÃO DE PERÓN EM WILDE	
Felipe Vieira Valentim	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217053">https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217053</a>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>27</b>
A PANDEMIA DA INVISIBILIDADE DO SER	
Paula Valéria Gomes de Andrade	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217054">https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217054</a>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>29</b>
TRAVESSIA: A BUSCA DO HOMEM HUMANO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA	
Wcleverson Batista Silva	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217055">https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217055</a>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>43</b>
A MANIPULAÇÃO DA INDÚSTRIA CULTURAL SOBRE A CRIAÇÃO ARTÍSTICA EM “UM HOMEM CÉLEBRE”, DE MACHADO DE ASSIS	
Francisco Rangel dos Santos Sá Lima	
Cícero Nilton Moreira da Silva	
Mirna Maria Félix de Lima Lessa	
Getuliana Sousa Colares	
Daniela Katêrine de Oliveira	
Nayara Marantha da Conceição Gurgel	
Vivianne Caldas de Souza Dantas	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217056">https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217056</a>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>54</b>
CONHECENDO A NEUROCIÊNCIA COGNITIVA E COMPORTAMENTAL E SUAS INFLUÊNCIAS NA EDUCAÇÃO, DESTACANDO OS PROVÁVEIS TRANSTORNOS DE	

## APRENDIZAGEM

Ingrid Raposo Ramos

Marilei Arruda da Rocha Caballero

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217057>

### **CAPÍTULO 8..... 61**

#### ÚRSULA: A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA NA OBRA

Ana Cleia Silva Pereira

Josilene dos Santos Sousa


Solange Santana Guimarães Morais

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217058>

### **CAPÍTULO 9..... 68**

#### MÍMESIS ZERO E O AFETO COMO GERADOR DE EFEITOS EM *ALDEIA DOS MORTOS*, DE ADRIANA VIEIRA LOMAR

Jerusa Silva Nina de Azevedo da Luz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217059>

### **CAPÍTULO 10..... 80**

#### LEITURAS E LEITORES DE *PAPÉIS AVULSOS*, DE MACHADO DE ASSIS


Valdiney Valente Lobato de Castro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170510>

### **CAPÍTULO 11..... 96**

#### PROJETO CIRANDA DA LEITURA

Sílvia Letícia Oliveira dos Santos


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170511>

### **CAPÍTULO 12..... 106**

#### A LINGUAGEM ESTILÍSTICA DA OBRA LITERÁRIA DE EVA FURNARI

Micheli Cristiana Ribas Camargo

Cristina Yukie Miyaki

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170512>

### **CAPÍTULO 13..... 116**

#### DEPOIMENTOS DE EDUCADORES ACERCA DO FAZER DOCENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA, UM ESTUDO SOB O VIÉS DA ANÁLISE DE DISCURSO

Noelma Oliveira Barbosa





 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170513>

### **CAPÍTULO 14..... 131**

#### HENRIQUETA LISBOA & MÁRIO DE ANDRADE: UM DIÁLOGO SOBRE OS “TRÊS POEMAS DA TERRA”

Ilca Vieira de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170514>

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>149</b>
AS CARTOGRAFIAS DA INFÂNCIA EM “AS MARGENS DA ALEGRIA” E “OS CIMOS” DE JOÃO GUIMARÃES ROSA	
Lincoln Felipe Freitas	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170515">https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170515</a>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>158</b>
ANCESTRALIDADE E RESISTÊNCIA NO ROMANCE <i>A ENXADA E A MULHER QUE VENCEU O PRÓPRIO DESTINO</i> , DE EUCLIDES NETO	
Ana Sayonara Fagundes Britto Marcelo	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170516">https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170516</a>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>167</b>
O MITO DE ORIGEM DO <i>KENE</i> : CONSIDERAÇÕES SOBRE LINGUAGEM E ARTE	
Heidi Soraia Berg	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170517">https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170517</a>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>184</b>
SOBRE ONTO-EPISTEMICÍDIO & FOLCLORIZAÇÃO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO POVO NEGRO E INDÍGENA NUM LIVRO DE HISTÓRIA DO BRASIL	
Mário Martins Neves Junior	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170518">https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170518</a>	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS</b> .....	<b>209</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>210</b>

## ANCESTRALIDADE E RESISTÊNCIA NO ROMANCE *A ENXADA E A MULHER QUE VENCEU O PRÓPRIO DESTINO*, DE EUCLIDES NETO

Data de aceite: 02/05/2022

**Ana Sayonara Fagundes Britto Marcelo**  
UFBA/UESB

É chegada a hora de abrir a cova das sementes que morrem para nascer. Se o bisturi lanceta a carne e evita o fim; se a caneta escreve os poemas, os romances e as partituras; [...] tudo não existiria se os feijoeiros não floríssem. Sou a lâmina que rasga o músculo da terra e cria a vida.

[...] sou o símbolo do lavrador, que lavra a dor. Sou a palavra da terra. (EUCLIDES NETO, 2002, p.179).

**RESUMO:** O objetivo desse trabalho é analisar o romance *A enxada e a mulher que venceu o próprio destino* (1996), do escritor baiano Euclides Neto (1925-2000). Para tanto, são abordados, ainda que aos moldes sumários, cinco aspectos: a questão identitária da personagem principal da narrativa, mulher negra, mãe, agricultura sem terra do Estado da Bahia, pobre e analfabeta, cujo corpo, marcas e memórias são instrumentos e formas de resistência e subsistência; a relação entre os espaços urbano e rural, contradições e formas de exclusão; o tempo aspiralar; a presença da ancestralidade na vida da personagem, cuja força é capaz de guiá-la na construção da dignidade para si e família; e, por fim, a proposta subliminar para a questão agrária no Brasil apresentada pelo romance ao valorizar

a agricultura de subsistência e familiar em região dominada predominantemente pela monocultura cacaueteira. Tais aspectos são analisados a partir dos afetos que mobilizam e guiam a protagonista na retomada das rédeas do próprio “destino”: tristeza, medo, alegria, desejo e esperança. Os teóricos que auxiliam a análise são: Leda Martins (2002), Muniz Sodré (2017), Lourdes B. Rocha (2008), Walter Benjamin (2003) e Friedrich Nietzsche (2003).

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade; Ancestralidade; Agricultura familiar, Afetos.

### INTRODUÇÃO

Na epígrafe, somos alertados pela voz de uma enxada – símbolo da resistência e fomento do lavrador – que a origem da vida se encontra na terra, em fazê-la germinar os frutos que alimentarão homens e mulheres na roça e na cidade. A enxada – “palavra da terra” – nos ensina a metáfora das sementes que morrem para germinar, dar frutos. No romance *A enxada e a mulher que venceu o próprio destino*, do escritor Euclides Neto, publicado em 1996, a protagonista é uma mulher sem terra, pobre, negra, não alfabetizada e desempregada, com doze filhos para criar sozinha. Ela simboliza a corporificação humana da semente morta, que renasce e faz florir um mundo de esperança capaz de frutificar para si, seus descendentes e para uma rede de cooperação que estabelece à sua volta.

A enxada e a mulher estão presentes no

título do romance, bem como o “destino” a ser vencido. Para suplantá-lo, a protagonista necessita “rasgar o músculo da terra” tal qual a enxada e a semente. Ao rejeitar a cova aberta para si na cidade, Albertina migra [a pé] com a família em busca de terrenos mais férteis. Nesse sentido, o objetivo do estudo é refletir sobre a trajetória desta protagonista, no percurso da morte para vida, caminho árido, no qual o corpo se torna instrumento de resistência.

São considerados cinco aspectos na análise: a questão identitária da agricultora, cujo corpo, respectivas marcas e memórias são formas de resistência; a relação entre os espaços urbano e rural; o tempo aspiralar; a presença da ancestralidade, cuja força é capaz de guiar a protagonista na construção de uma vida mais digna para si e descendentes; e, por fim, a proposta subliminar para a questão agrária no Brasil apresentada no romance. Para analisar tais aspectos, considerou-se os afetos que mobilizam e guiam Albertina na retomada das rédeas do destino”. São eles: tristeza, medo, alegria, desejo e esperança. Para tanto, alguns teóricos auxiliaram na análise: Leda Martins (2002), Muniz Sodré (2017), Lourdes B. Rocha (2008), Walter Benjamin (2003) e Friedrich Nietzsche (2003).

## ANCESTRALIDADE E RESISTÊNCIA

“Albertina não suportou mais a fome e a cidade” (EUCLIDES NETO, 2014, p. 19). Assim tem início o romance *A enxada e a mulher que venceu o próprio destino* e a voz do narrador nos situa na trajetória desta personagem, numa narrativa permeada por histórias e exemplo de “a caçadora de onças”, uma das muitas habilidades de Albertina; além das aventuras de Cholinha, a cadela da família. O narrador parece conhecer o local de onde fala e a luta travada pela heroína, revelando o conhecimento que ela tem de si e do mundo agrícola. Deste modo, sugere se assemelhar ao narrador descrito por Walter Benjamin, aquele que “ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições” (BENJAMIN, 1993, p. 198).

Albertina convive com a presença opressora da figura masculina, representada por guardas e policiais e pelo pai de seus filhos, a quem chama de “amásio”/“traste cruzador de uma figa” (EUCLIDES NETO, 1996, p. 4). Sem recursos e moradia, a família vive nas ruas de Jequié/BA, onde passa privações, humilhações, violência física e verbal. A narrativa é marcada pelo medo e pelo ódio. O medo gerado pela violência dos representantes do poder institucional acompanha Albertina e filhos (as) na cidade, que não acolhe os que chegam, mas humilha, ameaça, expulsa e mata. Os migrantes não têm valor, suas vidas não são “passíveis de luto” (BUTLER, 2016), como revela a passagem: “Pior era quando aparecia um guarda e já ia levantando a mão para espancar ou um soldado levando preso um dos pequenos, aos tropeços” (EUCLIDES NETO, 1996, p. 34).

Os filhos buscam sobrevivência através de furtos, da prostituição, da mendicância e do exílio em São Paulo. Três filhas são estupradas e impelidas à prostituição. Separam-

se da família e não acompanham a mãe e os irmãos menores quando saem de Jequié. A mãe acredita ter perdido os filhos mais velhos, envolvidos em roubos, assaltos e drogas. Na cidade, Albertina procura emprego como empregada doméstica e gari, mas não é contratada. Cabe perguntar: O que leva a protagonista e família a migrarem para a zona urbana?

Introduzido na Bahia no final do século XVIII – firmando-se como produto dominante um século depois – o cacau, conforme informa Lurdes Rocha, a partir do Censo de 1920, “se torna definitivamente importante para a economia sul baiana”:

No caso específico do Sul da Bahia, principal área produtora do Estado e do país, a região vivenciou uma fase de prosperidade sem precedentes, que se estendeu da segunda metade da década de 1970 até meados da década de 1980, período após o qual emergiu numa situação de grandes dificuldades. Os reflexos da crise que se instalou de forma mais aguda no início dos anos 1990 decorrem de uma série de fatores, tais como baixa de preços do produto, política cambial e, em especial, uma doença que acometeu os cacauais da região, a vassoura-de-bruxa [sic] (*Crinipellis perniciososa*). Esses elementos em conjunto, foram responsáveis pela origem de grave crise, cujos resultados, do ponto de vista social, econômico e ambiental, apresentam-se altamente danosos. (ROCHA, 2008, p. 14).

Quanto à estrutura fundiária, a pesquisadora ressalta que a referida região, a partir da década de 1980, “sofreu um processo de concentração de terras” em mãos de uma minoria<sup>1</sup>. O romance menciona essa concentração e, principalmente, as consequências supracitadas para os antigos latifundiários. Albertina vem de família de agricultores e pequenos proprietários rurais, que também sofreram com a crise cacaueteira e a seca. O romance faz referência à “fazendinha vendida por seus pais, há mais de vinte safras de umbu, onde nascera e se criara” (EUCLIDES NETO, 1996, p. 5).

Migrante, a trajetória da protagonista tem início na cidade de Jequié. De lá, migra novamente com os filhos, para depois de quatro dias parar em “uma cascalheira da estrada que vai dar em Contendas do Sincorá”, nas proximidades das terras que, no passado, foram dos pais. Tanto o município de Contendas do Sincorá quanto o de Jequié estão situados na mesorregião do Centro Sul Baiano. A microrregião de Jequié é área de transição climática entre a zona da mata e a caatinga, o que permite alternativas de produção agrícola e pecuária. Albertina demonstra conhecimento da agricultura de subsistência e familiar, que no romance parece se opor à monocultura cacaueteira.

Impulsionada pelo desejo de abrigar e alimentar a família, e retomar a identidade de agricultora, a mulher negra e mãe, instala-se à margem da estrada, entre o asfalto e a cerca da propriedade privada, no entrelugar dos que não possuem bens materiais, nem meios

---

1 Segundo Rocha (2008, p. 21) “o percentual de propriedades com menos de 10 hectares, que em 1980 ocupava o primeiro lugar (60,90%), em 1996 diminuiu para 38,65%, passando a ocupar o segundo lugar. Enquanto isso, as propriedades que ocupam o último lugar no que se refere à porcentagem total de propriedades, com área acima de 500 hectares, passou de 0,11% para 1,43%, portanto, um crescimento de 1.251,50% o que demonstra o crescimento da concentração de terras em mãos de uma minoria”.

de produção. A atitude sugere reportar à metáfora da “semente que morre para nascer”. Como semente, prefere local mais fértil e retorna à zona rural. As palavras da antiga patroa impulsionam Albertina a regressar às origens: “Sentiu uma mistura de humilhação e alegria. E de liberdade. Entendeu o desaforo da branca como um conselho que vinha do céu: – Seu lugar é no cabo da enxada” (EUCLIDES NETO, 1996, pp. 7-8.).

À margem, a protagonista aciona formas de subsistência a partir das próprias memórias, ao retomar ensinamentos dos antepassados agricultores. O desabafo de Albertina, ao recordar humilhações sofridas no espaço citadino, reafirma a identidade agrária e valoriza a cultura rural, em detrimento da cultura urbana que oprime e violenta a família:

– Vem, dona, vem vê quanta coisa sei fazê. Ocê sabe trancá u'a esteira ou um chapéu, covear roçado; achá, pelo cheiro, abeia; chegá terra nas prantação? Ocê num sabe. Queria vê ocê levantano u'a casa de paia em u'a tarde pra agasaíá seus fio. Queria vê ocê saí pra o mato atrás de comida, armá u'a peda e, no outo dia, i buscá a carne. Ocê é que num sabe fazê nada. Se é em casa, as empregada lava, passa, cozinha, arruma. Ocê só sabe dá orde. (EUCLIDES NETO, 1996, p. 37).

O romance apresenta diversas passagens onde a oralidade da protagonista é evidenciada, além das atividades manuais que desenvolve com os filhos, da coragem para o trabalho árduo e braçal e do enfrentamento das adversidades que as matas desabitadas apresentam. O conhecimento do espaço rural faz de Albertina a representação da mulher forte que vive na roça, numa valorização desse lugar cada vez menos habitado por moradores nativos, que buscam alternativas de vida melhor nas cidades, que não os acolhem.

Albertina e filhos (as), após instalarem-se novamente numa área rural, no espaço de transição entre a mata e a caatinga, recuperam a alegria perdida na cidade: “Alegrou-se. Ouviu o canto dos passarinhos, o que há muito não escutava. A caatinga era flor só” (EUCLIDES NETO, 1996, p. 6). Eles vivem em harmonia com a terra e sabem, dela, extrair alimento e remédios, além de construir moradia, vestuário e utensílios domésticos. É a alegria de poder viver na terra e cultivá-la, assegurando-lhe o sustento. Segundo Muniz Sodré, a alegria “é um exemplo de força vital” e para o pensamento nagô: “condição de possibilidade do conhecimento auferido da vida prática, isto é, a *experiência*, que Walter Benjamin filosoficamente designa pela palavra alemã *Erfahrung*”. (SODRÉ, 2017, p. 225-226, grifos do autor).

São as experiências da vida prática, herdadas do convívio com os ancestrais, que Albertina ensina aos descendentes. Pelo corpo-resistência, ela “restaura, expressa e, simultaneamente, produz conhecimento, grafado na memória do gesto. Performar, nesse sentido, significa inscrever, grafar repetir transcriando” (MARTINS, 2002, p.89). A família planta feijão, milho, mandioca, algodão, abóbora, melancia e outras frutas e verduras. Cria gado, cabras, porcos, galinhas, cachorros e caça no mato; de onde vêm a carne, o leite, o

queijo, o requeijão, os ovos, o mel e a rapadura. Produz farinha, beiju, sal, doce de umbu, paçoca de gergelim e óleo. Da palha, faz esteiras, vassouras e abanos; do barro, gamelas, panelas, potes, colher, machucador, molheira, entre outros. Do algodão, tece roupas; e as “precatas” vêm do couro de animais. Produz na roça tudo o que necessita para viver; o que sobra é vendido na estrada ou serve para trocar com vizinhos ou mesmo presenteá-los, como forma de retribuir afetos e estreitar laços de amizade, motivo de alegria para a protagonista: “Mais um dia de muita felicidade. Quatro amigos: seu Manduca, dona Mocinha, seu Custódio e Cholinha. Além dos filhos, não se lembrava que tivera tantos depois que fora morar em Jequié” (EUCLIDES NETO, 1996, p. 34).

A grande aliada de Albertina na reconquista da alegria é a memória, onde habita a força dos antepassados e os conhecimentos necessários para viver na terra como parte desse ambiente, numa relação harmônica de respeito. A agricultora trabalha com delicadeza, cuidado e ética, considerando o ritmo dos filhos, dos animais e da terra. Ela respeita o tempo do plantio e da colheita, da gestação e do nascimento dos animais criados na roça, o tempo necessário para o aprendizado dos atos de arar a terra e tecer o fio da palha e do algodão. Tempo cíclico que se renova a cada plantio, a cada colheita. O “exercício da cultura” se dá justamente por essa “escuta das forças” (BARTHES, 2003, p. 7), a força da natureza e da ação humana sobre ela, sua aliada.

O ato de rememorar possibilita a Albertina alinhar-se novamente ao espaço rural e ao reencontrá-lo fortalecer a identidade abalada no espaço citadino. Leda Martins ressalta que:

A memória do conhecimento não se resguarda apenas nos lugares da memória (*lieux de mémoire*), bibliotecas, museus, arquivos, monumentos oficiais, parques temáticos, etc, mas constantemente se recria e se transmite pelos ambientes da memória (*milieux de mémoire*), ou seja, pelos repertórios orais e corporais, gestos, hábitos, cujas técnicas e procedimentos de transmissão são meios de criação, passagem, reprodução e de preservação dos saberes. (MARTINS, 2002, p. 71).

Usando o corpo e a voz na ação de cultivar a terra, Albertina transmite aos descendentes um saber ancestral, passado pelos avós, recebidos de antigas gerações: tempo cíclico, renovador da vida, do conhecimento e da natureza. A partir das transformações conquistadas com os saberes ancestrais, Albertina passa a cultivar esperança.

Revigorada pela relação com a natureza, ao encontro de vida em abundância, com a conquista de abrigo, sustento da família, relações interpessoais de respeito e admiração, Albertina passa a sonhar com o retorno dos filhos e filhas mais velhos que permaneceram – perdidos – no espaço urbano:

Sim, tinha esperança que ainda voltassem. Pelo menos, dois ou três. Quem sabe, todos. Nada pra Deus é impossível. Será que estavam passando fome? Espancados pelos malfeitores, sem lugar pra dormir? Que bom se voltassem. Teriam agora casa, comida de sobra e trabalho. Será que ainda se acostuariam a trabalhar? Não estariam todos viciados na perdição da rua?



A esperança da protagonista não se manifesta unicamente no desejo de os ter de volta, também deseja reconquistar a casa e as terras que foram dos avós, local onde nasceu e cresceu. Embora pareça difícil tal empreitada, as ações e realizações de Albertina apontam sempre nessa direção. Assim, a agricultora trabalha dia e noite, cuidando da terra e dos animais, partes da família. Ter esperança é acreditar no futuro capaz de se vislumbrar, e para Albertina o futuro só é viável com a conquista de um presente transformador, possível de ser apreendido no passado presentificado.

No romance, passado, presente e futuro parecem estabelecer uma relação cíclica, numa “temporalidade curvilínea” (MARTINS, 2002, p. 84), onde “o passado pode ser definido como o lugar de um saber e de uma experiência acumulativos, que habitam o presente e o futuro, sendo também por ele habitado” (MARTINS, 2002, p. 85). Sobre essa relação com o tempo cíclico Leda Martins acrescenta:

[...] cada performance ritual recria, restitui e revisa um círculo fenomenológico no qual pulsa, na mesma contemporaneidade, a ação de um pretérito contínuo, sincronizada em uma temporalidade presente que atrai para si o passado e o futuro e neles também se esparge, abolindo não o tempo, mas sua concepção linear e consecutiva. (MARTINS, 2002, p. 85).

A vida de Albertina é modificada por essa temporalidade aspiralar, pela intervenção do passado e do futuro no presente, auxiliando a protagonista a redimensionar o “destino”. A força da ancestralidade atua justamente onde o passado ganha forma no presente, alimentando o desejo de reconquistar a casa e as terras dos antepassados; onde a protagonista passará a habitar com os descendentes. Sendo assim, a casa cumpre o papel de local de encontro familiar, de reunião de gerações, num tempo aspiralar. E a natureza parece conspirar para que o desejo de Albertina se realize.

A presença da lua e do vento ganham importância na narrativa e ratificam a afirmativa. São quatro momentos importantes para o desenrolar da trama onde a presença da lua é usada simbolicamente para informar os afetos da personagem: a saída da cidade de Jequié acompanhada pela fome; a descoberta de uma roça abandonada que fornece alimento à família abrigada nas margens da estrada (alimentada pelo fruto do umbuzeiro); o reencontro com os antepassados na casa que fora da família e o despertar da fêmea/mulher, após o período de humilhação, medo, fome e violência no espaço urbano.

Sobre o reencontro com os antepassados, destaca-se a passagem em que a lua se torna uma aliada de Albertina, quando se dirige à casa velha. Ilumina-lhe o caminho até chegar à antiga sede da propriedade que fora dos avós, e onde morou com eles e outros familiares, ainda criança: “a lua despentalava claridade” (EUCLIDES NETO, 1996, p.121) e permite à mulher atravessar o mato à noite até chegar lá aportar. Neste espaço, vê vultos e sombras dos antepassados, ouve-lhes os murmúrios:

Quando se aproximou, viu vultos se mexendo dentro da sala. Sombras de

pessoas que passavam de um cômodo ao outro. Sua mãe ia muitas vezes à cozinha, voltava e se encontrava com os demais. Seu pai chegou a sair à frente da casa, olhou em volta e tornou a entrar. Agora estavam todos reunidos, muito juntos e quietos. [...]. Falavam quase em murmúrios. (EUCLIDES NETO, 1996, p.121-122).

A claridade da lua revela o momento vivido pela mulher na antiga morada, o vento também compõe a cena: “Quando soprava mais forte, virava vento catingueiro que nem veado na corrida, ajudando os movimentos das criaturas, trazendo vozes até Albertina” (EUCLIDES NETO, 1996, p.122), que se deixou levar pelo “vento” – momento intenso de recordação e saudade de um passado tranquilo e seguro no espaço familiar. Para a agricultora, os parentes mortos voltavam “nas noites de lua” com a mesma saudade sentida por ela.

Uma das passagens marcantes quanto à presença dos antepassados dá-se quando, ao iniciar uma oração na antiga morada, Albertina é acompanhada por eles:

Rezou um único tacho de oração que sabia, em favor de todos os mortos. Agradeceu a Deus por tê-los visto e pediu que não os afastasse dali, mesmo que tivessem de desaparecer de quando em quando para cumprir os seus destinos de almas do outro mundo. Surpresa, ouviu que a acompanhavam na oração, puxada agora pela avó que sabia cantar o ofício inteirinho, até em língua que ninguém entendia. Ajoelhou-se. Fechou os olhos, contrita. Quando os abriu, o vento tinha viajado para outras bandas. (EUCLIDES NETO, 1996, p.122).

O vento, acompanhado da lua, compõe esse momento de encontro com os familiares, confirmando a estreita ligação de Albertina com os elementos da natureza, como os animais, a terra e os ciclos da vida. Após a oração, “o vento tinha viajado para outras bandas” e juntamente com “a lua [que] entrava líquida pela janela” fez desaparecer os mortos.

As passagens são descritas em linguagem marcada por comparações, sinestesia e personificações, como ilustra a imagem: “Um silêncio claro, da cor da lua, desmanchando-se em luz, entrou também na sala” (EUCLIDES NETO, 1996, p.123). A partir desse momento, a protagonista retorna ao presente, iluminada pela claridade, passando a avaliar os estragos causados pelo tempo na casa abandonada, planejando uma futura reforma, como a acreditar no desejo motivador de reaver o espaço que fora dos seus e que projeta deixar à posteridade. Para Leda Martins:

A concepção ancestral africana inclui, no mesmo circuito fenomenológico, as divindades, a natureza cósmica, a fauna, a flora, os elementos físicos, os mortos, os vivos e os que ainda vão nascer, concebidos como anéis de uma complementariedade necessária, em contínuo processo de transformação e de devir. (MARTINS, 2002, p. 84).

Tal constatação explica o que apresenta a história de Albertina ao revelar essa mulher constituída a partir do conhecimento ancestral, da forte relação com a natureza

e todas as formas de vida que a compõe. E o devir da protagonista é representado nos netos trazidos pelas filhas. Se na cidade os corpos foram explorados e sacrificados, ao reencontrar a Albertina, na morada dos antepassados, as crianças renascem e (re) conhecem a identidade familiar telúrica.

A protagonista se aproveita, estrategicamente, do momento e lugar em que se encontra para reescrever o próprio “destino”. Ela cultiva a agricultura de subsistência no terreno ocupado por onças e atina “criar ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É [a] astúcia” (CERTEAU, 1994, p.101), descrita por Certeau. Na “toca da onça”, a mulher (re) educa os filhos, ensinando-lhes a proteger a terra e os que nela habitam, explorando-a com ética, nos limites das necessidades.

Enquanto o então proprietário da fazenda entra em falência causada por dívidas causadas pela seca, a vassoura-de-bruxa e por não saber cultivar a terra além da monocultura cacaueteira, a trabalhadora planta a agricultura de subsistência. Suas realizações lembra-nos Roland Barthes, quando recorre a Fourier para tratar da utopia: “a utopia se enraíza em determinado cotidiano”. Quanto mais o cotidiano do sujeito é influente (sobre seu pensamento), mais a utopia é forte (caprichada)” (BARTHES, 2003, p. 9).

A reforma agrária vira realidade – senão em toda a região cacaueteira – pelo menos na ficção. Para a família de Albertina, é possível vislumbrá-la. As memórias de Albertina em relação aos ensinamentos dos antepassados fazem lembrar quão importante é conhecer a história. Tal constatação, reporta à afirmação de Nietzsche:

Certamente precisamos da história, mas não como o passeante mimado no jardim do saber, por mais que este olhe certamente com desprezo para as nossas carências e penúrias rudes e sem graça. Isto significa: precisamos dela para a vida e para a ação, não para o abandono confortável da vida ou da ação ou mesmo para o embelezamento da vida egoísta e da ação covarde e ruim. Somente na medida em que a história serve à vida queremos servi-la. (NIETZSCHE, 2003, p. 5).

No romance é possível ler e acreditar na força da retomada da história e na força transformadora do ato de resistir. Além disso, a protagonista vivencia que a cidadania não se reconstrói sozinha. Pelo contrário, Albertina busca inicialmente a cooperação da família, para a seguir, ir conquistando os que a rodeiam, como o Sr. Manduca e Dona Mocinha, traçando uma teia de trocas simbólicas significativas. “E que nada mais é do que uma dança do desejo formando comunidade” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.55).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desfecho da mulher franzina – que se torna caçadora de onças, metáfora das feras devoradoras na cidade e na roça –, que prosperou com a agricultura de subsistência, contrasta com o desfecho do latifundiário que cultivou a monocultura cacaueteira. É sabido que ao longo da história agrária do Brasil o cultivo das monoculturas favoreceu o

enriquecimento de poucos que detinham, e ainda detêm, grandes propriedades de terras. Ocorreu isso com a cana-de-açúcar, o café, o cacau e atualmente com a soja.

O romance apresenta, portanto, a chance de realizar a democratização do uso e usufruto da terra a partir da agricultura familiar e de subsistência, capazes de assentar os agricultores na zona rural, devolvendo-lhes a chance de reaver a identidade, fortalecendo-a e reequilibrando os ciclos da natureza e sua relação com o ser humano. Não perdendo de vista, que tais conquistas para se realizar exigem esforço coletivo e a percepção que o corpo e os traços culturais são instrumentos essenciais nos atos de resistência, bem como o conhecimento da ancestralidade. Esses elementos são decisivos no desfecho do romance em questão, na vida da protagonista e familiares e para o retorno e a fixação dos agricultores na zona rural.

## REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. Culturas populares. Fazer com: usos e táticas. In: \_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 75-90, p. 91-106.

BARTHES, Roland. **Como viver junto**: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 5. ed. Tradução: Sérgio Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993. (Obras escolhidas, v.1).

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A sobrevivência dos vaga-lumes**. Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex e revisão de Consuelo Salomé. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

EUCLIDES NETO. **A enxada e a mulher que venceu o próprio destino**. 2. ed. rev. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Littera Criações Ltda., 2014.

EUCLIDES NETO. **A enxada e a mulher que venceu o próprio destino**. São Paulo: Littera, 1996.

MARTINS, Leda. Performances do tempo espiralar. In: RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia (Orgs.). **Performance, exílio, fronteiras**: errâncias territoriais e textuais. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 2002. p. 69-91.

NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda consideração intempestiva**: Da utilidade e desvantagem da história para a vida. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. (Conexões; 20)

ROCHA, Lurdes B. **A região cacauera da Bahia – dos coronéis à vassoura-de-bruxa**: saga, percepção, representação. Ilhéus: Editus, 2008.

SODRÉ, Muniz. Indeterminação e narrativa. In: \_\_\_\_\_. **Pensar nagô**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. p. 221-230.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acontecimento enunciativo 116, 117, 120, 122, 129

Afetos 31, 57, 158, 159, 162, 163

Agricultura familiar 158, 166

Al-Khansa 1, 2, 5, 7

Al-Khirniq 1, 5, 6, 7

Alteridade 121, 167, 176, 181, 182

Ancestralidade 158, 159, 163, 166, 187, 195

Atividades remotas 116, 117

### C

Canto 161, 167, 175, 177, 178, 179, 180

Choro 5, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 57

Cognição 54, 57, 58, 59

Competência lexical do falante 106

### D

Desterritorialização 149, 150, 152, 153, 155, 156, 157

Discurso docente 116

### G

Guimarães Rosa 29, 30, 31, 32, 33, 37, 39, 40, 41, 42, 75, 76, 149, 150, 151, 152, 155, 157

### H

Henriqueta Lisboa 131, 132, 133, 137, 140, 141, 144, 145, 147

História 2, 7, 9, 11, 14, 15, 17, 19, 20, 22, 25, 26, 29, 30, 31, 36, 40, 42, 56, 57, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 75, 77, 78, 81, 90, 100, 106, 114, 115, 118, 120, 122, 128, 129, 130, 131, 139, 140, 141, 143, 144, 148, 157, 164, 165, 166, 168, 169, 171, 178, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 208

### I

Identidade 30, 50, 67, 73, 109, 158, 160, 161, 162, 165, 166, 167, 169, 176, 181, 182, 185, 198, 208

Imagem-símbolo 167, 179, 180

Indústria cultural 43, 44, 46, 47, 49, 50, 53

Infância 31, 63, 149, 151, 157, 201

Interação 22, 58, 77, 96, 98, 99, 177

Invisibilidade do ser 27

## **J**

Jahiliya 1, 2, 3, 4, 7

Jornais 9, 10, 11, 80, 81, 82, 87, 88, 92, 93, 94, 95

Jovens mediadores 96, 99, 100

## **K**

Kene 167, 168, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 182

## **L**

Leitura literária 96, 97, 101, 114

Literatura contemporânea 29

Literatura infantil 106

## **M**

Machado de Assis 12, 13, 14, 43, 44, 46, 51, 52, 53, 80, 83, 85, 86, 89, 91, 95

Maranhão 9, 10, 14, 15, 62, 67

Maria Firmina dos Reis 61, 62, 64, 66, 67

Mário de Andrade 131, 132, 133, 135, 139, 140, 141, 143, 147, 148

Mímesis 68, 69, 74, 75, 76, 78

Morfologia lexical 106, 108, 115

Música popular 9, 10, 12, 15, 45, 46

## **N**

Neologismos 106, 107, 108, 109, 110, 112, 114

Neurociência 54, 55, 56, 59, 60

## **O**

Onto-epistemicídio 184

## **P**

Pandemia 27, 100, 102, 116, 117, 123, 124, 126, 127, 129

Poesia árabe 1, 7

Povo indígena 184

Povo negro 184, 185, 191, 194, 195, 198, 199, 206

Primeiras estórias 149, 150, 151, 157

## U

Um marido ideal 16, 18


Úrsula 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67


# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 


  
Ano 2022




# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora  
Ano 2022